

## Pátria deve trasladar restos mortais do Ultramar

Acácio Pestana na cerimónia de homenagem ao combatente madeirense

Emanuel Silva



Foto Héder Santos/Aspress

A comissão organizadora do Monumento ao Combatente Madeirense no Ultramar promoveu hoje a cerimónia de homenagem aos combatentes falecidos.

Junto ao monumento, na mata da Nazaré, Funchal, foi acesa a 'chama da Pátria' e foram depositadas flores, na presença de ex-combatentes ainda vivos com a sua bóina e condecorações a preceito.

Hoje de manhã, foi também depositada uma coroa de flores no talhão militar do Cemitério das Angústias, em São Martinho.

Acácio Pestana, antigo combatente e membro da comissão organizadora, lembrou os que já partiram. E sobretudo os que foram enterrados em terras africanas. "As suas ossadas esperam, há décadas, pelo regresso às origens", lamentou.

Para Acácio Pestana "a Pátria exigiu-lhes o sacrifício supremo. Ofereceram-no com o seu sangue.

O País não os pode ignorar nem fugir ao dever de trasladar os seus restos mortais". Mais disse que "Portugal está vivo. Portugal não se pode alhear dos seus mortos, dos seus heróis".

Na rádio Acácio Pestana reconheceu que os mais novos desconhecem o que foi a Guerra colonial. "Creio que há um défice de informação e de acautelamento de tudo isto. Até o próprio 25 de Abril, relativamente à guerra de África é muito mais recente. E se perguntarmos a muitos jovens o que foi esse Movimento e qual foi o objectivo, eles não sabem patavina do assunto. Não conseguimos passar a mensagem", disse.

Acácio Pestana cumpriu o serviço militar na zona leste de Angola, em Cangamba. Guarda dessa altura algumas memórias e muitas amizades. "O grau de dificuldade era tão elevado que as tropas que iam para África e que se destinavam a leste faziam tirocínio primeiro no norte. Foi ali que eclodiu a guerra dos partidos angolanos visando a separação de Portugal", explicou.

"Passávamos 14 meses a comer arroz com salsichas de manhã e salsichas com arroz à tarde. Intercalado, lá de quando em vez, com outra coisa qualquer. Não havia verdes, não havia nada. Enfim, foi um tempo de muito sacrifício, de muito sofrimento", disse.

Fonte: <http://www.dnoticias.pt/actualidade/madeira/234287-patria-deve-trasladar-restos-mortais-do-ultramar>

